



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

Por determinação do Santo Padre Paulo VI, o dia 1 de Janeiro foi consagrado à PAZ. Todos somos convidados a fazer o melhor ao nosso alcance para que haja paz no mundo. Continuemos, por isso, a rezar pela paz e a aperfeiçoar a nossa vida para merecermos de Deus este dom precioso. Nossa Senhora prometeu na Fátima a paz, se nos emendássemos dos nossos pecados. A mesma promessa continua. Que temos feito por a merecer?

ANO XLVI — N.º 556
13 DE JANEIRO DE 1969
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Pio XII e o Terço

PIO XII, que com razão foi chamado o Papa da Fátima e o Papa mais mariano da História, não podia deixar de ser grande devoto do Rosário. Quem ama Nossa Senhora, tem de amar esta devoção.

Muitas vezes, nas audiências públicas e nos documentos oficiais, o santo Pontífice exaltou e recomendou a reza do terço.

Na alocução de 10 de Maio de 1955 dizia poeticamente: «O Rosário representa um jardim de rosas oferecido a Maria, um ornato da sua imagem, um símbolo das suas graças».

É sobretudo à Encíclica *Ingruentium Malorum* que temos de ir buscar os maiores elogios e as mais instantes recomendações do terço. Eis algumas das ideias expressas nesse solene documento.

O terço é o melhor meio de alcançar a protecção de Nossa Senhora. «Conhecemos bem — diz o Papa — a eficácia do Rosário para alcançar o auxílio maternal de Maria. Há certamente outras maneiras de obter tal auxílio. Parece-nos, contudo, que o Rosário é o modo mais apto e mais frutuoso para esse fim, como aliás o mostram a sua natureza íntima e a sua origem mais divina que humana».

O Rosário é sublime pelas orações de que consta, o Pai-Nosso e a Ave-Maria. «Haverá com efeito orações mais apropriadas e mais belas que a oração dominical e a saudação angélica, que são como que as flores que compõem esta mística coroa? Há uma grande vantagem quando as orações vocais andam acompanhadas da meditação dos mistérios: todos os fiéis, mesmo os mais simples e menos instruídos, encontram aqui uma maneira fácil e rápida de alimentar e aprofundar a sua Fé. Pela meditação frequente dos mistérios, a alma atinge e absorve insensivelmente as virtudes que eles contêm, inflama-se ardentemente na esperança dos bens imortais e sente-se, com fortaleza e doçura, estimulada a seguir o caminho traçado por Cristo e por Sua Mãe. A própria recitação de fórmulas sempre iguais, tantas vezes repetidas, longe de tornar esta oração estéril e aborrecida, possui pelo contrário, como mostra a experiência, a admirável força de inculcar a confiança em quem reza e de exercer doce influência sobre o Coração materno de Maria».

O terço é maneira eficaz de atrair

as bênçãos de Deus sobre a família, de a manter sempre unida e de formar na piedade os filhos.

«É sobretudo no seio das famílias que desejamos que a devoção do Rosário seja difundida, religiosamente conservada e sem cessar desenvolvida. São vãos os esforços para impedir o declínio da sociedade, se não se reconduz à fé do Evangelho a família, princípio e fundamento da sociedade. Devemos declarar: a reza do terço em família é um dos meios mais eficazes para realizar empresa tão difícil. Que belo espectáculo e tão agradável aos olhos de Deus, quando, ao cair da noite, o lar cristão ressoa com os louvores em honra da Augusta Rainha do Céu. A reza do terço junta, diante da imagem da Santíssima Virgem, numa admirável união de cora-

ções, os pais e os filhos, ao regressarem do trabalho do dia; esta prece une-os aos ausentes e aos defuntos, liga-os, enfim, por um laço de amor de grande doçura, a Nossa Senhora, que, como Mãe muito amável, virá ao meio da coroa dos seus filhos, para distribuir com abundância pelo lar os dons da união e da paz.

À semelhança da família de Nazaré, o lar cristão tornar-se-á morada terrestre de santidade e como que um templo, onde o terço será não somente uma oração particular que sobe até ao Céu como agradável perfume, mas tornar-se-á ainda escola, das mais eficazes, de virtudes e de vida cristã. A meditação dos maravilhosos mistérios da Redenção ensinará aos mais velhos a viver, procurando imitar cada dia os admiráveis ensinamentos do próprio Jesus e de Maria, a haurir neles conforto nas adversidades e a tender, pelo seu estímulo, para os tesouros celestes... Às crianças a reza meditada do terço

ensinará as principais verdades da Fé; o amor do amabilíssimo Salvador desenvolver-se-á quase espontaneamente nas suas almas inocentes, enquanto que o exemplo dos seus pais, ajoelhados com respeito diante da Majestade de Deus, inculcar-lhes-á, desde a mais tenra idade, o eminente valor da oração rezada em comum».

O terço é o meio de a Santa Igreja sair vitoriosa dos seus inimigos. «Não hesitamos repetir: Temos uma grande esperança no Rosário para a cura dos males que afligem a nossa época. Não é pela força, nem pelas armas, nem pelo poder humano, mas pela ajuda divina alcançada por esta oração que a Igreja, forte como David com a sua funda, poderá vencer, intrépida, o inimigo infernal».

Oxalá que todos nós portugueses escutemos e cumpramos a vontade e as exortações do Papa que tanto amou a nossa Pátria, a nossa Mãe e Padroeira e o seu maior santuário, o da Fátima.

P. Fernando Leite

APLICAÇÃO DA MENSAGEM DA FÁTIMA

Por JOÃO M. HAFFERT

FÁTIMA é uma afirmação do Evangelho. Não podemos contentar-nos simplesmente com um Terço ou uma oração pela paz. Estar na Fátima é uma graça. Conhecer a Fátima é uma responsabilidade. Aplicar e difundir a Mensagem da Fátima é um dever.

O EXÉRCITO AZUL DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA é a aplicação e difusão da Mensagem por todo o mundo. O Exército Azul distingue, na aplicação da Mensagem, três fases muito distintas: o Compromisso, a Devoção dos Primeiros Sábados e a Eucaristia.

O elemento básico do Compromisso preparado em cooperação com a Irmã Lúcia, foi oficialmente promulgado pelo primeiro Bispo de Leiria-Fátima, para trazer ao indivíduo a essência básica da Mensagem da Fátima... e o seu cumprimento. Palavras abstractas como «consagração» e «oração» traduzem-se por *escapulario* e *terço*; o «dever quotidiano» traduz-se numa oferta que começa com o dia e é renovada em momentos de tentação; «penitência» e «reparação» traduzem-se numa promessa concreta... uma intenção actual perpetuada pela intenção virtual por meio dum sinal azul. Este compromisso não obriga sob pecado. É uma promessa em experiência. É uma declaração de propósito. É ir ao alcance das mãos auxiliaadoras da Nossa Mãe...

A nossa segunda aplicação é por meio dos *Primeiros Sábados*. É este um «passo paroquial» e pode ser, em questão de tempo, o primeiro passo... que conduz ao Compromisso. Mas é também e essencialmente uma renovação do Compromisso: uma prática no uso do Rosário; uma purificação do pecado; um novo passo para a Vida da Graça Eucarística e a Reparação.

A nossa terceira aplicação da Mensagem da Fátima no Exército Azul é o chamado «Movimento de Células». Aqui, nós obrigamo-nos a procurar a união com o Senhor na Eucaristia, aplicando a plenitude da MENSAGEM DE NOSSA SENHORA na nossa vida, especialmente pela conversão dos pecadores.

Durante os primeiros cinquenta anos da Fátima preocupámo-nos mais com a primeira e a segunda. Mas uma verdadeira renovação e o reinado de Cristo no mundo, prometido por Nossa Senhora, só virão por meio dos graus dois e três.

Parece que a moda do desacordo sistemático está a afastar muitas pessoas dos bons caminhos

Paulo VI pediu aos católicos para defenderem os valores morais contra «o instinto cego da confusão e o hábito de dissensão sistemática».

Este pedido foi feito por Sua Santidade antes de dar a sua bênção no domingo, 24 de Novembro, ao meio-dia, à multidão de fiéis que se encontravam na praça soalheira, mas fria, de S. Pedro.

Pedindo aos católicos para orarem pela colaboração e espírito de fraternidade entre as nações e pela paz na justiça e na liberdade, disse Paulo VI:

«Parece que actualmente um instinto cego de confusão e a moda do desacordo sistemático está a afastar os passos de muitas pessoas dos caminhos bons e rectos. Talvez isto aconteça por a luz de Deus não os iluminar suficientemente.

«Rezemos por eles e também pela Igreja, para que, nesta fase adiantada da sua história, não perca o laço consistente da sua tradição e para que, ao desenvolver-se, a sua maturidade não destrua a solidez da sua estrutura».

Sobre a Encíclica «*Humanae Vitae*»

O PAPA REFLECTIU

A assinatura do Papa estava antecipadamente conseguida. Tratava-se especificamente da felicidade dos homens. E o Papa, mais que ninguém, ama os homens. A Igreja significa caridade, filantropia. Os especialistas explicaram ao Papa que a felicidade dos homens depende do controle dos nascimentos, da utilização benévola ou obrigatória de meios contraceptivos. Por outras palavras, a felicidade dos homens depende da pílula contraceptiva. Porque, utilizando-a, os homens serão menos numerosos e terão automaticamente mais comida e mais conforto.

Os bens da terra serão repartidos por um menor número e cada um tornar-se-á automaticamente mais rico. E na terra não haverá senão homens ricos. O meio miraculoso encontrou-se pois. E é bem pequeno: é a pílula contraceptiva. Mas há uma coisa que os especialistas do «plano» e da felicidade terrestre esqueceram: é que o Papa é um monge. E todos os monges têm um receio permanente do diabo. Sua Santidade, o Papa, como monge, sabe que uma das astúcias do diabo para perder os homens, é prometer-lhes a felicidade. Depois, a arma de predileção do diabo é a lógica, a dialéctica, as estatísticas e os raciocínios infalíveis. Ninguém faz estatísticas mais perfeitas do que Satanás. Ninguém arquitecta planos melhor do que o diabo. E ele, o diabo, fala bem, tão bem que, ouvindo-o falar, dir-se-ia que são os anjos que falam...

O Papa reflectiu durante quatro anos, antes de se pronunciar.

A dificuldade maior, e insuperável para um monge, é discernir as vozes.

Ele nunca pode saber de certeza se é a voz dum anjo ou a voz de Satanás que lhe fala. Depois de quatro anos de reflexão profunda, o Papa diz «*Não*»: os homens não devem usar contraceptivos. E todavia, parecia ter-se podido muito bem continuar no mesmo caminho.

Depois da utilização de contraceptivos, depois do extermínio dos filhos que devem vir ao mundo, caminhava-se com efeito, muito logicamente, para a supressão dos filhos doentes. Sempre para haver menos bocas a alimentar. E para haver menos homens a gozar dos bens da terra. Deviam suprimir-se depois os doentes incuráveis, os velhos, os estropeados e outras criaturas humanas que não produzissem. Suprimir-se-iam também os povos tarados e as raças inferiores.

O PAPA CHOROU

Bastava dar o primeiro passo — utilizando os contraceptivos — para diminuir as bocas a alimentar.

E o círculo infernal, a dialéctica do diabo, já não parava. Ia cada vez mais depressa e mais longe.

Em nome da felicidade. E sempre com provas científicas, lógicas, como uma dialéctica irrepreensível.

O Santo Padre, o Papa, disse «*Não*». Porque só podia dizer não. Toda a gente ficou decepcionada, revoltada, enraivada. Porque o Papa disse não ao crime. Ao diabo.

Diz-se que, no dia seguinte à publicação da encíclica contra o extermínio dos filhos a nascer e contra os contraceptivos, o Papa, vendo quanto as suas palavras tinham sido mal recebidas, procurou explicar-se. Em todas as línguas. E que até chorou. Exactamente como Cristo no monte das Oliveiras.

O Papa chorou diante daqueles que o escutavam e que não compreendiam de forma nenhuma por que disse ele não à utilização dos contraceptivos.

Nós os cristãos sabemos que não foi a boca do Papa que falou, ao proibir o uso dos contraceptivos.

Foi Deus que falou pela boca do Papa. E pela boca do Patriarca Euménico (Atenágoras). Deus, quando fala aos homens, como o fez agora, é pela boca dos Bispos e da Igreja que Ele fala. A Igreja tira o seu ensinamento e as suas informações do Céu. De Deus. Do próprio Espírito Santo. A Igreja não tira o seu ensinamento das estatísticas. Ninguém, e o Papa menos que ninguém, podia dizer que o pecado é uma virtude. Mesmo na lei civil, por louco que ele seja, um legislador não pode legalizar o crime.

Como pode ela, a Igreja, legalizar o pecado?

Como se pode pretender, da Igreja, da lei divina, a declaração de que o pecado é uma virtude? Não. Isso, excede a razão. Pecado é pecado, como a noite é negra, e a virtude branca como o dia. E o Papa não fez senão chamar as coisas pelo seu nome. Disse qual o ensino da Igreja sobre o sexo, o matrimónio, a concepção, o nascimento. Nada de novo. A Igreja é composta exclusivamente de pecadores. Não há homem sem pecado. Só Deus é sem pecado. A Igreja ouve na confissão os pecados. E nunca a Igreja pune o pecador. Cristo e a Igreja amaram os pecadores e cumularam-nos de ternura para os ajudar. E os que são contra a encíclica, amam o pecado. Amam de tal maneira o pecado que reclamam seja legalizado, declarado virtude. É como se se pedisse para considerar o crime, o roubo, o ataque à mão armada, como acções legais. Nunca a heresia me pareceu mais extravagante.

NOTA: Artigo de Virgil Gheorghiu, autor de «*A Vigéssima Quinta Hora*», em «*Le Figaro Littéraire*».

Vida do Santuário

Dezembro

SUFRÁGIO PELA ALMA DO SR. D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA

Na Basílica foi rezada missa por alma do saudoso Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, cujo 11.º aniversário do falecimento ocorreu no dia 4. Foi celebrante Mons. Manuel Alves Guerreiro e assistiram à missa os capelães do Santuário, as Servas de Nossa Senhora da Fátima, os empregados e operários do Santuário e diversas outras pessoas.

Há anos, falou-se em colocar na esplanada do Santuário um busto do grande Prelado que declarou dignas de crédito as aparições de Nossa Senhora e tanto contribuiu para a divulgação da Mensagem da Fátima. Oxalá possa ser, em breve, concretizada esta ideia.

Os restos mortais do Sr. D. José Alves Correia da Silva estão sepultados no altar-mor da Basílica do Santuário.

POR ALMA DO CARDEAL BEA

No dia 16, foi rezada missa, às 17.30, por alma do Cardeal Agostinho Bea, que esteve na Cova da Iria, a presidir à peregrinação de 12 e 13 de Maio de 1964, data da inauguração da via-sacra do calvário húngaro e da capela dedicada a Santo Estêvão, no Cabeço de Aljustrel.

80 OFICIAIS E CADETES DAS ACADEMIAS MILITARES PORTUGUESA E ESPANHOLA NA FÁTIMA

A fim de rezarem a Nossa Senhora, vieram ao Santuário os membros das Academias militares que em Lisboa participaram no 5.º Colóquio Académico Militar Luso-Espanhol.

Dos componentes do grupo faziam parte os Generais comandantes das Academias

militares, diversos oficiais e 53 cadetes das Academias dos dois países.

Celebrou missa o Rev. P.º Pedro Gamboa, capelão da Academia Militar, a qual foi solenizada com órgão e cânticos.

A estes peregrinos apresentou cumprimentos Mons. António Antunes Borges, reitor do Santuário, que lhes entregou lembranças do cinquentenário das aparições do Santuário.

Os membros das duas Academias reuniram-se num almoço de confraternização a que assistiu também o Reitor do Santuário.

ESTUDO DA ACTUALIZAÇÃO DIDÁCTICA RELIGIOSA

53 Agentes de ensino de ambos os sexos das freguesias da Fátima, S. Mamede, Santa Catarina da Serra, Atouguia, Serra de Santo António, S. Bento e Minde, estiveram reunidos na Casa de Retiros para estudarem a actualização didáctica religiosa nas escolas.

Fez uma conferência o Rev. Cônego Dr. José Galamba de Oliveira.

Assistiram os Directores Escolares dos distritos de Santarém e de Leiria e o Rev. P.º Manuel Ferreira, do Secretariado do Catequese da Diocese de Leiria, bem como os Párocos das freguesias representadas.

FESTA DE NATAL DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Com a presença do Comandante Distrital da P. S. P. de Santarém, do Chefe Faustino Costa, do Dr. José dos Santos Martins e do representante do Santuário, efectuou-se no Posto da Polícia uma simpática festa do Natal que reuniu todos os guardas que aqui prestam serviço e os seus filhos.

Numa árvore colocada junto ao presépio foram dispostas numerosas prendas que o Sr. Capitão Luis António Vasco entregou aos filhos dos guardas no meio de grande alegria.

Houve depois uma merenda com a participação de todos e que foi ocasião de apresentação de votos de Boas-Festas do Natal e Ano-Novo.

Agradecem graças alcançadas

Ao Francisco

Helena Garcia, S. Miguel, Açores.
Ángela O. Durão, Joanesburgo, África do Sul.
Sabina Medina da Silva, Praia da Graciosa, Açores.
Rosa Amélia Botelho, Canadá.
Marjorie J. Regard, U. S. A..
Francisco Alves da Costa, Arcozelo.

Maria Albertina Machado Tavares, Faro, a cura dum mal que sua mãe tinha numa perna.

Olinda Fidalgo, Estevas, as melhoras duma doença na vista de que sofria uma sua amiga.

Maria Emília Lopes, Califórnia, U. S. A., a resolução dum grave problema da sua vida.

M.ª Helena Pimentel de Moraes, Porto, o ter uma pessoa de sua família arranjado trabalho suficiente para as despesas da família.

À Jacinta

Maria Fernanda Duarte de Almeida.
Maria Helena Noronha, Lisboa.

Maria Manuel Moniz, Praia da Vitória, Açores, o ter encontrado emprego para seu pai e irmão em terra desconhecida.

Marie J. Outters, U. S. A., a cura completa dum seu colega, sem que fosse necessária uma operação.

Marina Danin da Silva, S. João da Madeira, o bom resultado do seu curso de enfermagem.

M.ª Helena Pimentel de Moraes, Porto, a graça de se ter desenvolvido a dedicação e o amor pelo trabalho numa pessoa de família.

Maria Augusta Pires, Zibreira, a graça da reconciliação dum casal, momentos antes da morte da mulher.

Falta de Padres em todo o Mundo

De 1960 a 1967, a população católica do Mundo aumentou em mais de dezasseis por cento, mas o aumento de sacerdotes não chegou a seis por cento, pelo que cada sacerdote passou a ter de servir 1375 fiéis — escreve o Padre James Forrestall, no semanário londrino «*The Universe*».

A distribuição, porém, não se encontra feita de igual modo pelos diversos continentes, agravando o problema em alguns deles: a Europa tem 42 por cento da população católica mundial e mais de 61 por cento dos sacerdotes, enquanto a América Latina, por exemplo, com 35 por cento dos católicos de todo o Mundo, não conta mais de 10,5 por cento dos sacerdotes.

Um Sustenido para o Terço

A propósito deste artigo, recebemos muitas cartas de apoio. Entre elas, publicamos, como amostra, estas duas:

Rev.™ Senhor
Mons. M. Marques dos Santos,
Ilustre Director da «Voz da Fátima»

Em «Voz da Fátima», de 13 de Novembro p. p., lia-se o artigo — Um «sustenido» para o terço, em que se propunha «um grande plebiscito em favor da elevação do terço à categoria de oração litúrgica».

Sem dúvida que este reconhecimento oficial é valorização do terço e testemunho de apreço à devoção mais insistentemente pedida por Nossa Senhora, a devoção que mais eloquentemente realiza a Sua profecia: «Todas as gerações me chamarão bem-aventurada».

Mas não seria mais importante, mais necessário, mais urgente organizar uma campanha em favor da recitação do terço e do rosário meditados?

Só uma escassa minoria dos que dizem rezar o terço medita, hoje, ou contempla os mistérios do rosário. Mesmo a enunciação dos mistérios antes de cada dezena de ave-marias não representa, geralmente, mais do que simples tradição ou rotina.

Se não falta quem, hoje, combata o terço é, em grande parte, porque consideram esta forma de orar monótona e vazia, como já pude verificar; mas logo deixam de pensar assim se lhes ensinarmos a rezar bem o terço.

Por outro lado, o terço, sem a contemplação dos mistérios, ou com a simples enunciação dos mesmos, não é o terço que a Igreja aprovou; não é o terço que a Igreja recomenda; e, portanto, também não é o terço que Nossa Senhora pretende.

Este terço, que é o que, vulgarmente, se reza, só imprópriamente se pode chamar terço, assim como um cadáver humano só imprópriamente se pode considerar ainda uma pessoa.

Pode o terço assim rezado ser oração vocal de muito valor (infelizmente não passa, frequentes vezes, de recitação mais ou menos maquinal); mas terço, rigorosamente, já não é.

O rosário, como ele nasceu e foi aprovado e se define, é uma fórmula de oração que se recita meditando piedosamente nos 15 mistérios da Redenção.

Promover a recitação do terço e do rosário autênticos, o terço e rosário meditados, e pretender, depois, que esta formosíssima, eloquentíssima e valiosíssima oração seja elevada à categoria de oração litúrgica — ótimo!

Mas pretender dar foros de oração litúrgica a um terço que está a rezar-se tão mal, um terço que se limita a simples recitação de fórmulas, mais ou menos mecanizadas, não seria trabalho muito superficial? Quase se me afigurava um empobrecimento da Liturgia...

Estará chegada a hora de promover em larga escala, com entusiasmo, com persistência, com inteligência, a actualização do terço e do rosário meditados, utilizando os diversos métodos que, numa salutar reacção contra a decadência manifesta, já se vão introduzindo aqui e além?...

Quanta consolação e glória daríamos a

Nossa Senhora e quantas graças atrairíamos sobre a pobre Humanidade do nosso tempo, se nos déssemos, com toda a alma, a esta celestial empresa!...

Que a hora de promoção integral do terço, oração meditada e litúrgica, esteja chegada, como prova da aceitação consciente e generosa do pedido tão reiterado de Nossa Senhora em Fátima:

— Rezai o terço todos os dias!

Subscrevo-me com a maior consideração.

Hospital da Lapa — Porto, 2/XII/1968.

PADRE EDUARDO
SOARES PINHEIRO

CANTANHEDE, 14 de Novembro
de 1968

Ao
Jornal «VOZ DA FÁTIMA»
Largo Cónego Maia
LEIRIA

Ex.™ e Rev.™ Senhor

Com os meus respeitosos cumprimentos. Na qualidade de leitor (ou assinante, porquanto o recebo mensalmente por «mão própria»), não posso ficar indiferente à sugestão apresentada no artigo publicado no N.º 554 desse mega-jornal, símbolo de um ideal puro, denominado «UM SUSTENIDO PARA O TERÇO».

Muito embora leia um pouco sobre matéria religiosa mas isto não me concede a nota para deixar de ser um leigo na mesma matéria, desconhecia por completo de que o Terço não é oração litúrgica, conquanto sabia que não é uma obrigação religiosa (como a Missa) mas sim uma devoção.

Perfilho pois nessa Cruzada de que essa oração a que a Mãe do Céu ordenou aos pastorinhos, venha a integrar-se na liturgia actual.

Como devoto fervoroso de NOSSA SENHORA de que tenho uma imagem em ponto razoavelmente grande no meu quarto; como peregrino com algumas jornadas a pé e que — se Deus quiser — de novo em MAIO de 1969 voltarei dessa mesma maneira ao Santuário da Cova da Iria, e como mortal que jamais pagarei as graças que tenho alcançado, seria um atentado à minha fé e ao meu acrisolado amor à MÃE AMANTÍSSIMA DO CÉU, se vacilasse em não corresponder a essa chamada para maior grandeza do Terço, essa oração que difunde esperança, amor e perdão das nossas fraquezas. O Terço é uma conversação com o poder divino! O Terço é ainda o intercâmbio das relações da alma com as Alturas! O Terço é também uma atracção do espírito embrenhado na fé!

Pedindo perdão da extensão desta carta, se bem que devia demonstrar a base da minha concordância a «UM SUSTENIDO PARA O TERÇO», me subscrevo com toda a cordialidade e fé em Deus.

LICÍNIO ALVES

Largo José Falcão, 51 Cantanhede

Centro Internacional Familiar para Defesa da Família

Com a bênção do Sr. Bispo de Leiria, constituiu-se, na Fátima, um Centro Internacional Familiar (Casa Visitação — Fátima) para a defesa da Família em todos os campos e em todos os países.

A Obra e as suas intenções são muito simpáticas.

Trata-se de lançar a semente na nossa terra. Para isso, realizou-se, ali, nos dias 7 e 8 de Dezembro, a 1.ª reunião internacional.

No encontro foram tratados os se-

guintes temas: «A família em perigo. Apelo de Pio XII e Paulo VI — Humanæ Vitæ». «Necessidade de recorrer a Nossa Senhora para salvar a família.» «Necessidade absoluta de adesão à Humanæ Vitæ para salvar a família e de apoiar a acção do Papa em toda a parte. Estudo dessa encíclica e do Arcanum Divinæ Sapientiae de Leão XIII e da Casti Connubii de Pio XII. Reflexões práticas».

A Caridade Serviço

A QUELE que se deu, deixa de se pertencer. Pertence aos que ama. Dá-se e dá-lhes tudo o que pode. S. Paulo dizia: «Não busco os vossos bens, mas sim a vós mesmos. Com efeito, não são os filhos que devem entesourar para os pais, mas os pais para os filhos. De muito boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos mais, seja menos amado por vós». (2.ª Cor., 12, 14-15).

Não se veja nesta atitude de S. Paulo o mínimo sinal de uma propaganda, no moderno sentido da palavra, para «apanhar» as pessoas! Antes, com toda a sua alma, deseja o bem delas. Assim fez o Senhor Jesus de quem Paulo é ministro fiel e perfeito imitador.

Vemos, através do Evangelho, a Caridade de Cristo que se põe ao serviço dos homens para os salvar.

O que, acima e antes de tudo, preocupa Cristo é o bem espiritual. Tenhamos cuidado com o enorme contra-senso que consistiria em atribuir a Cristo uma mentalidade moderna, como se Ele se preocupasse, primeiro, com as realidades terrenas.

Acontece exactamente o contrário. Não se trata, na verdade, de ordem cronológica mas de ordem de importância. Sob o ponto de vista cronológico, está em primeiro lugar, umas vezes, o espiritual, outras o terreno; mas, sob o ponto de vista de importância, a regra foi fixada uma vez para sempre na famosa fórmula: «Buscai primeiro o Reino dos Céus e a sua Justiça e o resto vos será dado por acréscimo». (Mt. 6, 33).

Enganar-se-ia, do mesmo modo, quem pensasse que Cristo quis subordinar a caridade temporal, à caridade espiritual, como se uma fosse meio em relação à outra.

Jesus ocupa-se do homem total — alma e corpo — mas não quer comprar uma alma com um bocado de pão. Pelo contrário, quando pressente que O buscam por causa dos seus benefícios temporais, protesta e diz: «Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que dura até à Vida eterna». (Jo. 6, 26-27).

Por aqui se vê que há dois erros a evitar, no que diz respeito aos serviços da caridade: enganar-se-ia quem desse mais importância à caridade temporal do que à caridade espiritual; enganar-se-ia quem quisesse sujeitar a caridade temporal à caridade espiritual.

A situação é simples. Há miséria e, em face da miséria, ou antes, no íntimo da miséria, há Amor. Então, o Amor põe-se ao serviço da miséria.

O amor é livre, não há regra absoluta para o amor. Age segundo as necessidades.

Jesus, por vezes, ocupa-Se, em primeiro lugar, da alma. Assim foi com o paralítico que Lhe trouxeram pelo telhado. Jesus, vendo a sua fé, diz: «Meu amigo, os teus pecados te são perdoados». (Lc., 5, 20). E, em seguida, curou o paralítico.

Outras vezes, o Senhor ocupa-Se primeiro do corpo, como no caso do cego de nascença. Cura-o sem nada Lhe pedir, nem oração, nem acto de fé. Mais tarde, o cego curado foi expulso da sinagoga; e é neste momento que Jesus Lhe concede o dom da fé.

Ainda outras vezes, ocupa-Se exclusivamente da alma, como no caso da pecadora que O veio ver a casa de Simão, o fariseu.

Noutras ocasiões, ocupa-Se só do corpo. Por exemplo, na multiplicação dos pães.

Assim também na primitiva comunidade cristã. Não se era atraído à Igreja por vantagens de ordem material. Pelo contrário: era costume, então, pôr em comum os próprios bens e corria-se o risco da perseguição; os cristãos eram, ainda, convidados a socorrer aqueles que tinham necessidade.

Nem os escravos eram atraídos a Cristo pelo desejo de serem libertados. Pelo contrário, S. Paulo aconselha-os a permanecer no estado onde os encontrou o apelo de Deus: «Cada um permaneça na condição em que foi chamado por Deus. Eras escravo quando Deus te chamou? Não te preocupes com isso. Mesmo que possas tornar-te livre, antes tira proveito do teu chamamento, pois o escravo, que foi chamado pelo Senhor, é libertado do Senhor». (1.ª Cor., 7, 20-22).

Mas isto não impedirá S. Paulo de intervir junto de Filémon a favor do seu escravo Onésimo: «Ele se apartou de ti, por algum tempo, para que tu o recobrasses para sempre, já não como servo, e sim, em vez de servo, como irmão caríssimo... não só segundo as leis do Mundo, mas também no Senhor». (Filémon, 8, 16).

A Caridade, tal como Cristo no-la ensinou, não admite barreiras — serve a todos os homens sem excepção.

Verdade e Caridade

REUNIDOS em volta do altar, onde Cristo se oferece conosco e por nós, formamos uma pequena comunidade de irmãos, uma assembleia de discípulos que crêm e amam. Guardamos no coração o desejo ardente de nos amarmos uns aos outros, como o Mestre nos amou, de sermos uma só coisa, como o Pai e o Filho são Um só. Queremos que o Corpo de Cristo, que recebemos, e o Sangue de Cristo, que bebemos, nos una; que «o Pão descido do Céu» (Jo. 6, 41) realize em nossas almas uma autêntica unidade: «Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão». (1.ª Cor. 10, 17).

No entanto, verificamos todos os dias, com tristeza e espanto, que não é fácil constituir, como os primeiros cristãos, «um só coração e uma só alma» (Act. 4, 32). Sentimos antipatias instintivas difíceis de dominar, simpatias demasiado vivas que, com grande esforço, procuramos sobrenaturalizar, e uma indiferença culpável que não conseguimos sacudir.

Não sabemos como unir a verdade à caridade nas pequenas coisas da nossa vida. Se, por virtude, sorrimos a alguém que não nos agrada com a sua maneira de ser, temos a impressão desagradável de que o nosso sorriso não é sincero mas sim uma máscara e de que representamos uma piedosa comédia, que não engana ninguém. Se, pelo contrário, dizemos os defeitos que julgamos ver nos outros, com o desejo de os corrigir, perguntamo-nos com profunda inquietação se a nossa suposta «correção fraterna» não é senão uma manifestação pouco caridosa duma instintiva antipatia.

Porém, verdade e caridade não se opõem. Quando buscamos humildemente a verdade — tanto no campo doutrinário como no das relações humanas — é a Deus que buscamos, porque Ele é a Verdade. Não uma verdade abstracta e longínqua, mas uma verdade viva, fraterna, porque Cristo é a Verdade (Jo. 14, 6). Quando, neste mundo, ansiamos pelo Amor, é sempre a Deus que buscamos, porque Deus é Amor. «Deus caritas est» (1.ª Jo. 4, 16) e manifestou o Seu Amor dando-nos o Seu Filho.

Assim pois, sinceridade e caridade identificam-se no Amor e Verdade absolutos: são duas facetas da mesma realidade divina.

Devemos ainda acrescentar que a verdade e a caridade que encontramos na terra não são perfeitas. Só no Céu atingirão a plenitude.

Não nos inquietemos, pois, ao verificar que não podemos unificá-las completamente na nossa vida. Reconheçamos humildemente as nossas limitações. E trabalhemos, com afã, em harmonizá-las o mais e o melhor que nos seja possível.

É certo que a verdade nos pode ajudar a ser caritativos, se a procurarmos com sinceridade na vida quotidiana. Frequentemente, a nossa antipatia e os juízos severos sobre o procedimento dos outros, derivam da nossa incompreensão. Aceitamos demasiado depressa as primeiras impressões, não temos paciência de aprofundar a alma dos nossos irmãos para melhor os compreender; não nos esforçamos em conhecer-lhes o carácter, analisar as circunstâncias em que vivem e as dificuldades que devem superar. Não temos confiança neles. Esquecemos aquilo que o velho Séneca dizia: «Se consideras alguém fiel, ele será fiel». Ou o que escreveu um poeta francês: «À força de acreditar nas flores, fazemo-las nascer».

Por outro lado, é inútil procurar impor aos outros uma verdade que a sua fraqueza os torna incapazes de aceitar ou que o seu carácter lhes não permite assimilar. Temos de suportar com paciência os defeitos daqueles que são incorrigíveis. A «correção fraterna» não pode fazer-se com bom resultado, se o desejo de corrigir o irmão das suas faltas e defeitos não brotar do amor que lhe dedicamos, sabendo, além disso, que ele é capaz, não só de suportar, mas de tirar dela algum proveito. Por outro lado, é necessário ainda escolher o momento oportuno... e rezar.

Senhor, Deus de Paz,
Vós que criastes os homens,
objecto de Vossa benevolência,
para serem os familiares da Vossa glória,
nós Vos bendizemos e Vos agradecemos:
pois nos enviastes Jesus,
Vosso Filho querido;
Vós o fizestes,
no mistério da Sua Páscoa,
o autor de toda a salvação,
a fonte de toda a paz,
o laço de toda a fraternidade.

Nós Vos damos graças
pelos desejos, pelos esforços,
pelas realizações,
que o Vosso Espírito de paz
suscitou no nosso tempo,
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.
Abri ainda mais os nossos espíritos
e os nossos corações
às exigências concretas do amor
para com todos os nossos irmãos,
para que sejamos sempre mais obreiros da paz.

Lembra-Vos, Pai de Misericórdia,
de todos os que penam,
sofrem e morrem
na luta por gerar um mundo mais fraternal.
Que para os homens de todas as raças
e de todas as línguas
venha o Vosso reino de justiça,
de paz e de amor.
E que a Terra se encha da Vossa glória.
Amén.

A verdade pode ajudar-nos a sobrenaturalizar simpatias e amizades. É natural que existam. O próprio Jesus manifestou simpatias espontâneas e elegeu os Seus amigos. Mas devemos estar conscientes de que o egoísmo se pode introduzir. É necessário que as nossas simpatias e amizades não sejam exclusivas, que o círculo dos nossos amigos permaneça aberto à comunidade, que a nossa simpatia não se exprima em actos irracionais e que tenhamos em conta a susceptibilidade dos outros.

O amor pode ainda ajudar-nos a alcançar a verdade. Diz-se que o amor é cego, e que o ódio dá a perspicácia. Não é certo. O amor verdadeiro é clarividente. Não ignora os defeitos de quem ama, mas, considerando-os com indulgência, coloca-os no seu verdadeiro lugar. Pelo contrário, o ódio altera e desfigura a fisionomia dos outros. A experiência demonstra que, quando escutamos alguém com bondade, conseguimos conquistar a sua confiança, somos mais justos e mais indulgentes. E isto não porque nos lisongeie a sua confiança, mas pelo simples motivo de que compreendemos melhor a sua atitude e as atenuantes que existem a seu favor. Ainda porque, através dos seus egoísmos aparentes, adivinhamos um verdadeiro, se bem que obscuro, desejo de dar-se.

Estas são simples reflexões sobre matéria difícil. Que sejam uma pequena ajuda, com o auxílio do Espírito, para nos decidirmos a realizar a verdade e caridade.

P.º Leopoldino Denis, S. J.

Oração pela Paz

Composta
por
PAULO VI

(«Fátima - 50», n.º 9)

Peregrinação Mensal de Dezembro

A *Basilica da Cova da Irla encheu-se de fiéis que vieram tomar parte nas cerimónias da última peregrinação mensal do ano de 1968.*

Presidiu às cerimónias o Senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria.

O Reitor e capelães celebraram missa de manhã na Basilica, e na capelinha celebraram diversos sacerdotes peregrinos.

Apesar da chuva, numerosos peregrinos juntaram-se na capela das Aparições para assistirem à missa e cumprirem promessas.

Às 10 horas, rezou-se o terço e fez-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora para junto do altar-mor da Basilica.

Celebrou a missa dos doentes o Rev. P.º Gregório Martínez Almedes, superior da Casa dos Padres Redentoristas de Lisboa, que ao evangelho pregou sobre o significado do Advento — preparação para a vinda do Messias — e a vinda de Nossa Senhora à Fátima e as lições que todos devemos tirar: emenda de vida pela oração e penitência, conversão dos pecadores, para que assim possamos ser dignos do Natal de Cristo e termos consciência do cumprimento da Mensagem de Nossa Senhora da Fátima.

Comungaram muitos peregrinos, e os cânticos durante as cerimónias foram conduzidos por um grupo de empregadas domésticas da Fátima, dirigidas pelo Rev. P.º Manuel Pereira, com acompanhamento do órgão pelo Dr. António de Oliveira Gregório.

Dirigiu a parte litúrgica o Rev. P.º Manuel dos Santos Craveiro, assistente da Pia União dos Servitas, e Mons. António Antunes Borges, reitor do Santuário.

No fim da missa, o Senhor Bispo de Leiria recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e deu a bênção do Santíssimo Sacramento a vários doentes, entre os quais se contava o Sr. João Carreira, o doente a que se referiu a Lúcia num dos diálogos estabelecidos numa das aparições de 1917.

Antes da procissão do adeus, o Senhor Bispo de Leiria dirigiu um apelo aos devotos e a todos os cristãos para se unirem ao Santo Padre nestas horas de aflição para que triunfe a paz interna na Igreja, pela paz na nossa terra e no mundo inteiro, e rezou com os fiéis por estas intenções diante da imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Boas-Festas

A todas as pessoas e entidades que nos enviaram os seus votos e cumprimentos amigos por ocasião do Natal e Ano-Novo, queremos manifestar o nosso reconhecimento, ao mesmo tempo que retribuimos sinceramente.

Que a Virgem Nossa Senhora da Fátima a todos cumule das Suas bênçãos maternais e nos conceda o dom da Paz para nós e para o Mundo inteiro neste ano de 1969.